

IDENTIDADE CULTURAL E COMPETÊNCIA INTERCULTURAL DO PADRE JOAQUIM GUERRA: PARTINDO DA MICRO-HISTÓRIA DE UM TRADUTOR E DO MODELO DE COMPETÊNCIA INTERCULTURAL

FATHER JOAQUIM GUERRA'S CULTURAL IDENTITY AND INTERCULTURAL COMPETENCE: FROM THE MICROHISTORY OF A TRANSLATOR AND THE MODEL OF INTERCULTURAL COMPETENCE

Liang Qingxian*

liangqingxian1206@outlook.com

Sendo a coleção poética mais antiga da China, o *Shijing* é um clássico da literatura chinesa. A sua tradução para outras línguas ajuda os leitores estrangeiros a compreender a vida e os aspetos sociais do povo da China antiga e a apreciar a cultura chinesa de então. O Padre Joaquim Angélico de Jesus Guerra S. J. (1908–1993) foi o primeiro e, até agora, o único a traduzir os 305 poemas do *Shijing* para português. O presente artigo parte do cruzamento entre a micro-história da tradução e a competência intercultural, tomando como objeto de estudo o perfil biobibliográfico do Padre Joaquim Guerra e as suas principais estratégias de tradução do *Shijing*. Este artigo pretende mostrar a identidade cultural e competência intercultural de Guerra e validar a aplicabilidade do modelo de competência intercultural ao tradutor literário.

Palavras-chave: Identidade cultural. Tradução literária. Estratégias de tradução. Joaquim Guerra.

As the oldest poetry collection in China, the *Shijing* is a classic of Chinese literature. Its translation into other languages helps foreign readers to understand the life and social aspects of the people of ancient China and to appreciate the Chinese culture of that time. Father Joaquim Angélico de Jesus Guerra S. J. (1908–1993) was the first and, to date, the only person to translate the 305 poems of the *Shijing* into Portuguese. This article is based on the intersection between the microhistory of translation and intercultural competence, taking as its object of study the biobibliographical profile of Father Joaquim Guerra and his main translation strategies for the *Shijing*. This article aims to show Guerra's cultural identity and intercultural competence and validate the applicability of the intercultural competence model to the literary translator.

Keywords: Cultural identity. Literary translation. Translation strategies. Joaquim Guerra.

•

* Faculdade de Línguas e Tradução, Universidade Politécnica de Macau, Macau, China. ORCID: 0009-0001-7365-3091.

1. Introdução

A tradução constitui uma ferramenta que divulga e vincula imagens nacionais e identidades culturais, ao disseminar ou construir uma determinada representação de um povo ou país (Venuti, 1998). Além das próprias representações de uma cultura já patentes num texto literário, no processo de tradução desse texto podem gerar-se novas. Neste sentido, a identidade cultural do próprio tradutor pode influenciar as representações e, por conseguinte, as percepções, culturais que se transferem do texto-fonte para o texto-alvo, além de poder ter impacto na escolha do texto a traduzir e nas estratégias a utilizar na tradução.

A ser assim, o que é a identidade cultural? Segundo a definição de Stuart Hall, as identidades culturais são relativas àqueles aspetos das nossas identidades que surgem da nossa pertença a grupos étnicos, raciais, linguísticos, religiosos e, acima de tudo, nacionais (Hall, 1990, p. 225). Com base nesta definição, a identidade cultural do tradutor pode ser associada ao seu sentido de pertença cultural e a modos de entender o mundo e a comunidade ou cultura que traduz, o que, por sua vez, pode influenciar ou ter um efeito significativo na compreensão e tradução da obra dita original. As questões identitárias são um tema importante nos Estudos de Tradução, mas poucos são os trabalhos no âmbito da identidade do tradutor e os que existem enquadram-se sobretudo nos chamados estudos de micro-história da tradução e do tradutor (Adamo, 2006; Atefmehr & Farahzad, 2022; Munday, 2014; Kaindl, Kolb, & Schlager, 2021; Pym, 1998). Assim, introduziremos desde logo o conceito de micro-história na primeira secção de enquadramento teórico.

O objetivo principal deste trabalho é realçar o aspeto intercultural na tradução literária por via de um estudo de caso centrado na figura de um tradutor português. Pretende-se, através da indagação da identidade múltipla do tradutor Padre Joaquim Guerra e da análise, tanto paratextual como textual, da sua versão portuguesa do *Shijing*, mostrar como este missionário e tradutor-viajante aborda a alteridade do texto original chinês na sua tradução. De modo a cumprir este objetivo, o trabalho está dividido em três partes. Na primeira secção, propõe-se um enquadramento teórico geral em que se exploram a micro-história da tradução e o modelo de competência intercultural, os quais orientam o nosso trabalho. Na segunda secção, oferece-se uma contextualização sucinta da obra *Shijing* e do perfil biobibliográfico do tradutor Padre Joaquim Guerra. Com base nesta micro-história de tradutor, a terceira secção foca-se na análise da sua identidade conforme patente no texto traduzido a partir do estudo do paratexto e de excertos selecionados da tradução. Por fim, em jeito de conclusão, refletimos sobre a identidade múltipla do tradutor.

2. Enquadramento teórico

Esta secção está organizada em duas partes. Primeiro, enquadrámos este trabalho no âmbito da micro-história da tradução, que nos fornece uma metodologia para estudar os tradutores e respetivas práticas de tradução. A micro-história valoriza as fontes documentais – paratextuais (Pym, 1998; Toury, 1995; Zhang, 2021) e arquivísticas (Atefmehr & Farahzad, 2022; Gomez, 2017; Munday, 2013, 2014; Paloposki, 2017) –

no estudo da tradução e dos tradutores, pois tais fontes oferecem um testemunho valioso e um acesso mais direto às práticas de trabalho do tradutor e podem dar uma perspectiva crucial tanto sobre a circunstância histórica de produção da tradução como sobre o próprio processo de tradução (Munday, 2014, p. 3). Por exemplo, Atefmehr e Farahzed (2022) propõem uma metodologia arquivística para investigar em estudos de tradutores, centrando-se na análise micro-história por meio da recuperação e reavaliação crítica de fontes primárias que permita uma análise de aspetos específicos da história da tradução. Segundo, apresentamos o modelo intercultural de (Byram, Gribkova & Starkey, 2002) para, de seguida, propor um modelo de competência intercultural do tradutor literário, que inclui três dimensões: atitude, conhecimento e competência de tradução.¹

2.1. Micro-história da tradução e do tradutor

Desde o estabelecimento dos Estudos de Tradução como uma disciplina independente, a investigação sobre a história da tradução tem feito progressos significativos, sobretudo com o reconhecimento da importância de desenvolver estudos de micro-história desde as primeiras décadas do século XXI (Adamo, 2006). A micro-história, proposta pelo historiador italiano Giovanni Levi nos anos de 1970, assenta “numa escala reduzida de observação, análise microscópica e estudo intensivo de material documental” (Levi, 1991, p. 95).² Na micro-história pretende-se, assim, refletir sobre a dimensão social através do estudo da vida quotidiana dos indivíduos, sobretudo daqueles tradicionalmente considerados marginais. Isto é consistente com um dos princípios gerais que orientam a abordagem à história da tradução defendido por Anthony Pym (1998): focar o tradutor como ser humano. Neste sentido, enquanto agentes³ que através da sua prática contribuem para a história da tradução, os tradutores tornam-se mais visíveis e os fatores socioculturais por detrás do seu comportamento tradutivo podem receber a devida atenção na investigação.

Além dos tradutores (ou intérpretes), há muitos outros participantes na atividade de tradução, tais como entidades financiadoras, editores e revisores. A micro-história da tradução e dos tradutores, ao focar-se microscopicamente num tradutor (individual ou coletivo) ou num processo tradutório específico, permite um estudo detalhado das interações entre as várias partes envolvidas na atividade de tradução, o que requer que o investigador cruze materiais de várias fontes.

A pesquisa e recolha de materiais de investigação é particularmente importante para a micro-história da tradução. Toury (1995, p. 65) argumenta que o ato de tradução é regido por normas e que estas normas podem ser reconstituídas a partir de textos (traduções) e materiais extratextuais (testemunhos de tradutores, de editores e de outros

¹ Torna-se necessário retomar uma distinção de Toury (1995) entre competência e performance tradutórias, a última correspondendo ao efetivo desempenho tradutório; enquadrar-se-á, por isso, na noção de competência intercultural.

² Exceto indicação em contrário, todas as traduções são de minha autoria.

³ Milton e Bandia, na obra *Agents of Translation* (2009, p. 1), salientam que os agentes de tradução não apenas intermedeiam a transferência textual, mas também desempenham um papel crucial em transformações históricas, literárias e culturais significativas. Estes agentes, incluindo tradutores, editores, revisores e editores, são responsáveis por negociar e moldar a forma como as obras são recebidas e percecionadas nas diversas culturas.

participantes no evento tradutivo; comentários críticos por um determinado tradutor/grupo de tradutores). Pym (1998) assinala que os materiais utilizados na investigação da história da tradução podem incluir desde bibliografias a textos secundários como traduções e versões revistas. Para Munday (2014), os documentos que podem ajudar a produzir uma história da tradução e dos tradutores incluem também e sobretudo os arquivos, em particular manuscritos, dactiloscritos, correspondência, entrevistas e outros discursos de tradutores sobre a sua própria prática. Estes materiais têm permitido aos estudiosos desenvolver estudos de caso no âmbito da micro-história da tradução em torno de temas como: estudo comparativo de traduções, análise de patrocínios/subsídios à atividade tradutória, análise das estratégias de tradução e das decisões de tradutor, receção e difusão de tradução (Zhang, 2021). Os estudos da micro-história tendem a adotar uma abordagem *bottom-up*, ou seja, a abordar primeiro os pormenores, tais como o perfil biobibliográfico do tradutor ou a participação de outros agentes no evento tradutivo, e depois as relações entre os pormenores e o contexto histórico de produção e receção de uma tradução. No presente estudo, traçar-se-á o perfil biobibliográfico do Padre Joaquim Guerra, com base em pesquisa documental e na análise dos seus prefácios e introduções às suas traduções, o qual será posto em relação com o seu desempenho tradutório.

2.2. O Modelo de Competência Intercultural de Byram

Hymes (1972) argumenta que a tradução, como comportamento comunicativo, corresponde ao uso e mobilização de potenciais conhecimentos e competências linguísticas. Para Hymes, os tradutores devem ser bilingues, na língua-fonte e na língua-alvo, mas também demonstrar competência de comunicação intercultural. A abordagem, mais recente, de Byram sobre competência comunicativa intercultural é amplamente adotada no ensino de línguas estrangeiras. Byram entende que a competência intercultural compreende cinco dimensões: atitude, conhecimento, competências de interpretação e associação, capacidade de descoberta e interação e consciência cultural crítica (Byram, Gribkova & Starkey, 2002, pp. 7–9). Trata-se, especificamente, de uma atitude de relacionamento com a alteridade assente na curiosidade, na disponibilidade para conhecer e rever quadros de referência, estereótipos e dúvidas sobre a cultura de outro país. A atitude intercultural exige ainda conseguir tratar objetivamente os valores, crenças e comportamentos do país de pertença, não os considerando como únicos, (os mais) corretos ou medida de análise da cultura do Outro. O conhecimento alude aos saberes sobre a cultura do país próprio e do país do interlocutor, bem como dos processos gerais de interação social e individual. As competências de interpretação e de associação referem-se à capacidade de interpretação de fenómenos ou eventos de outras culturas e à sua ligação com fenómenos e eventos culturais nacionais. A capacidade de pesquisa e interação diz respeito à aquisição de novos conhecimentos culturais e à capacidade de mobilizar e utilizar conhecimentos, assim como de adotar atitudes adequadas a condições reais de interação comunicativa. A consciência cultural crítica é sobre a capacidade de avaliar criticamente os pontos de vista, práticas e produtos tanto da cultura do país donde se é originário como de outras culturas (Byram, Gribkova & Starkey, 2002, pp. 11–13).

A nossa escolha de aplicar este modelo de competência intercultural ao tradutor não visa avaliar a sua competência intercultural, mas antes aproveitar este quadro de análise para estudar a identidade múltipla de um tradutor. Esta proposta tem por base o estudo cruzado do texto (traduzido) e do paratexto, definido por Gérard Genette (1997) como os elementos que circundam o texto literário incluindo, por exemplo, prefácio e notas. Neste sentido, transformamos o modelo de Byram num modelo mais simples, mas pertinente, composto por três dimensões: a atitude intercultural, o conhecimento intercultural e a competência de tradução. O último aspeto pode ser definido explicitamente como performance tradutória, ou seja, a capacidade dos tradutores para selecionar as estratégias e os métodos de tradução mais adequados (Chesterman, 2005). Este modelo simplificado resume-se à manifestação de sensibilidade intercultural e de conhecimento bicultural (sobre a cultura do país-fonte e do país-alvo) ao nível micro, isto é, da própria tradução. Através da análise da tradução do *Shijing* pelo Padre Joaquim Guerra, procuramos verificar, além da manifestação textual da sua identidade cultural, a aplicabilidade do modelo de competência intercultural ao tradutor literário.

3. Sobre o *Shijing* e o Padre Joaquim Guerra

3.1. Breve introdução ao *Shijing*

O *Shijing* é a coleção mais antiga de poemas chineses, consistindo em 305 poemas que apareceram desde a viragem das dinastias Shang e Zhou no século XI a.C. até meados do Período das Primaveras e Outonos no século VI a.C. (Chen, 2008, p.9). Em termos geográficos, os poemas foram recolhidos numa região entre o Rio Amarelo e o Rio Yangtzé, onde a civilização chinesa teve origem e floresceu. Em função das suas características musicais, os 305 poemas foram classificados em três secções, nomeadamente, 160 *Feng* (canções populares em 15 estados); 105 *Ya* (odes relativas à vida da nobreza, que se cantavam nos banquetes da Corte) e 40 *Song* (hinos escritos para cerimónias religiosas) (Chen, 2008, p. 22). Os poemas no *Shijing* tocam em quase todos os aspetos da vida do povo chinês daquela época, incluindo amor e casamento, guerra e trabalho, opressão e resistência, costumes e religiões, sacrifícios e festas, elogios e denúncias, etc. (Zhang, 2012). Trata-se, no fundo, de uma enciclopédia que nos mostra o estado da sociedade nos tempos da China Antiga (Zhang, 2012).

A língua do *Shijing* é um tipo de chinês proto-clássico,⁴ e não uma língua que seja compatível com os protocolos de leitura do chinês literário (*Wen Yan* 文言).⁵ Em muitas

⁴ De acordo com a *Encyclopædia Britannica*, alguns estudiosos dividem a história das línguas chinesas em Proto-Chinês (até 500 a.C.), Chinês Arcaico (século VIIIa.C. a III a.C.), Chinês Antigo (Médio) (até 907 d.C.) e Chinês Moderno (desde o século X até aos tempos modernos). O período Proto-Chinês corresponde ao período de produção das poesias mais antigas <<https://www.britannica.com/topic/Proto-Sinitic-languages>>, consultado a 22 de janeiro 2023).

⁵ O chinês clássico (*Gu Wen*, 古文) é uma forma antiga de linguagem escrita usada na China até ao final da dinastia Qing (1644–1911) e início da República da China (1912–1949). O termo “chinês clássico” é uma denominação geral; entretanto, ao longo da história, o chinês clássico assumiu formas diferentes, tendo em conta as mudanças na caligrafia, na gramática e no vocabulário. O chinês literário (*Wen Yan*, 文言) refere-se a uma das formas do chinês clássico, usado desde o final da dinastia Han até ao início da República da China, quando foi substituído pelo chinês vernáculo. O chinês vernáculo (*Bai Hua*, 白话) foi criado com

das suas formações, a língua do *Shijing* é mais parecida com a língua que se encontra nos recipientes de bronze da dinastia Zhou (de 1046 a.C. até 771 a.C.) do que a dos *Mengzi*⁶ ou *Shiji*.⁷ E mesmo durante a dinastia Han (de 202 a.C. até 220 d.C.), o *Shijing* foi escrito numa língua “estrangeira” porque necessitava de interpretações para os leitores da época. Sem os comentários ao seu vocabulário, era difícil ir longe na leitura do *Shijing*.

O *Shijing*, com a sua linguagem bela, ritmo harmonioso, história longa e conotação rica, é considerado pioneiro do realismo na poesia chinesa, contando com um profundo impacto e elevado estatuto nas histórias da literatura, tanto chinesa como mundial. Neste sentido, o *Shijing* pode ser considerado como um tesouro da civilização humana, como comentado por Stephen Owen no seu prefácio da versão inglesa do *Shijing*: “O *Shijing* foi o clássico do coração humano e da mente humana” (Owen, 1996, p. 15).

3.2. Sobre o Padre Joaquim Guerra e a sua tradução do *Shijing*

Em relação à tradução e difusão do *Shijing* em língua portuguesa, há uma figura que não se pode contornar – o Padre Joaquim Guerra –, que traduziu a coleção completa do *Shijing* em 1979 e a publicou sob o título *Livro dos Cantares*.

As fontes bibliográficas sobre a vida de Joaquim Guerra não são muitas. A nossa apresentação do Padre Guerra tem por base, além de apontamentos autobiográficos na introdução à sua tradução do *Livro dos Cantares* (1979), os estudos de Jorge Batista Bruxo (2004), Henrique Rios dos Santos, S.J. (2008) e António José Bezerra de Menezes Jr. (2013).

Joaquim Guerra nasceu em Lavacolhos, Fundão, Portugal, a 8 de abril de 1908. Foi para a Espanha estudar Filosofia em S. Martin de Trebejo. Aos 17 anos, Joaquim Guerra entrou para o Noviciado em Oya, Galiza. Foi lá que surgiu a vocação para ser missionário na China quando ouviu ler a carta do Padre Garcia, um velho missionário de Zhaoqing, Cantão (Bruxo, 2004). Um ano depois, um novo seminarista chinês de Macau, que se chamava Pedro Hiu, chegou a Oya e ensinou chinês a Joaquim Guerra e a outros candidatos a missionários. Após concluir o seu curso de Filosofia, Guerra foi integrado num grupo de missionários e recebeu Ordens Menores⁸ em 1933. Fez uma viagem missionária a Zhaoqing, na China, e, em 1937, concluiu um curso teológico na Faculdade Pontifícia Belarmina de Xangai. Naquele intervalo, Guerra dedicou-se a pregar na cidade de Zhaoqing. Foi no ano de 1934 que o Padre Guerra viajou pela primeira vez para Macau, lecionando ali os cursos de Matemática, Literatura e Filosofia no Seminário de S. José.

base na linguagem oral do norte da China durante a República da China. Gramaticalmente é mais simples do que o chinês literário e mais rico em termos de vocabulário.

⁶ A obra *Mengzi* (《孟子》), traduzida também como *Mêncio*, é o livro das conversas de Mêncio com os reis do seu tempo, sendo um dos Quatro Livros que Zhu Xi considerou estar no coração do pensamento neoconfuciano ortodoxo.

⁷ A obra *Shiji* (《史记》), também conhecida como Registos do Grande Historiador, escrita de 109 a.C. a 91 a.C., foi a obra-prima de Sima Qian, na qual ele descreveu a história chinesa, da época do mítico Imperador Amarelo até à sua própria época.

⁸ Os graus inferiores da hierarquia são designados pelo nome de ordens menores, em oposição às ordens “maiores” ou “sagradas”. Por ordenação, os destinatários das ordens menores recebiam autoridade oficial para desempenhar as funções tais como cantar e servir no altar. <https://www.newadvent.org/cathen/10332b.htm>, consultado a 25 de janeiro 2023.

Mais tarde, Guerra mudou-se para Macau. Depois de ter testemunhado a depressão económica que reinava em Macau e de ter entrado em contacto com numerosas famílias pobres, fundou a Escola Católica Estrela do Mar em 1955 para proporcionar educação básica e pregar o Evangelho a crianças de famílias carenciadas. Retornou a Portugal em 1965. A partir dessa data, lecionou mandarim e cantonês em Lisboa. Nas duas décadas seguintes, voltou de novo a Macau e dedicou-se ao trabalho de tradução e edição dos cânones do confucionismo. A contribuição de Guerra para o intercâmbio cultural entre a China e Portugal foi reconhecida por prémios dos governos de Macau e de Portugal que lhe foram atribuídos, assim como de outras organizações culturais locais. Em 1987, o Padre Guerra recebeu a medalha de valor do governador de Macau. No dia 24 de dezembro de 1993, faleceu em Lisboa.

Durante a sua estadia em Macau, o Padre Joaquim Guerra traduziu vários Clássicos Chineses, tais como *Os Quatro Livros e os Cinco Clássicos* (conhecido em chinês como 四书五经) e *A Prática da Perfeição* (de título chinês 道德经). É espantoso que ele tenha conseguido completar uma quantidade tão grande de trabalho em apenas alguns anos. Este feito também fez dele, sem dúvida, o mais prolífico e importante sinólogo português da sua época. É possível encontrar o nome chinês Kvaio Tjyn-Toq (戈振东, em *pinyin*: Gezhen Dong) na capa dos seus trabalhos, o qual lhe foi dado pelo seu padre superior António Henriques Farto e significa “Benfeitor do Oriente” (Menezes Jr., 2013, p. 41). Além dos trabalhos de tradução, compilou ainda livros sobre gramática sino-portuguesa e elaborou um dicionário de chinês-português (1981), o que revela grande interesse em reforçar o intercâmbio cultural entre a China e Portugal.

Em vida de Guerra, houve duas edições do *Livro dos Cantares*, publicadas respetivamente nos anos de 1979 e de 1990 na imprensa jesuítica e, por esse motivo, são ambas destinadas à comunidade portuguesa de Macau, o que reforça uma estratégia de divulgação da literatura clássica chinesa entre essa comunidade. Trata-se de um grosso volume bilingue que compreende mais de mil páginas. As 305 canções ou poesias, apresentadas em chinês tradicional, chinês alfabético e traduzido, são antecedidas de prefácio, índices e introdução da autoria do tradutor, o qual, na parte final, ainda lhe adiciona 264 páginas de notas históricas e críticas, comparando muitas vezes o seu trabalho com o de tradutores anteriores, especialmente o de James Legge. Paulo Franchetti, importante tradutor de poesia japonesa, destaca o valor das notas do *Livro dos Cantares* nos seguintes termos: “O Padre Guerra é um erudito. Sua tradução do Shi King em redondilhas maiores não é poeticamente muito eficaz, mas as notas em que se discutem as principais traduções ocidentais são de imenso valor” (Franchetti, 1996, p. 63). Franchetti destaca assim não tanto o valor poético das canções mas antes o conhecimento (erudição) do tradutor e o seu papel como mediador intercultural.

4. Análise do estudo de caso

No âmbito do enquadramento teórico estabelecido, no presente artigo pretende-se explorar a identidade cultural do Padre Joaquim Guerra a partir de três aspetos: atitude, conhecimento e competência de tradução. Os materiais para a análise incluem, além dos texto-fonte e texto-alvo (o *Shijing* e a tradução por Guerra, respetivamente), os prefácios

das traduções dos clássicos chineses por Guerra. Estes prefácios, juntamente com as notas aditadas do *Shijing* por Guerra e outros livros fundamentais, são exemplos de paratextos⁹ que constituem recursos cruciais para compreender as decisões, intenções e responsabilidades envolvidas no processo de tradução (Batchelor, 2018, pp. 169–170).

4.1. A atitude do Padre Joaquim Guerra

Tal como outros missionários ocidentais, o objetivo do Padre Guerra ao traduzir as Obras Clássicas residiu na missão cristã. Traduzir os Clássicos Chineses para português permitiria aos portugueses em Macau compreender melhor a terra em que ansiavam difundir o Evangelho e cumprir melhor a sua própria missão religiosa. Contudo, existem profundas diferenças culturais entre o confucionismo chinês e o cristianismo ocidental, que são indissociáveis do inerente conflito entre sinocentrismo e eurocentrismo. Neste contexto, importa indagar a atitude do tradutor Guerra, na qualidade de missionário, em relação à língua e cultura chinesas.

Conforme supramencionado na secção 2, a língua do *Shijing* não corresponde ao chinês moderno, sendo antes um tipo de chinês proto-clássico cuja decodificação exige trabalho e dedicação. Para o Padre Joaquim Guerra, “[é] próprio dos textos clássicos chineses serem tanto mais difíceis quanto mais curtos. A minguagem de contexto aumenta a dificuldade” (Guerra, 1979, p. 1057). O Padre Joaquim Guerra terá investido muita energia, tempo e dedicação na fase de pré-tradução para decifrar os caracteres chineses. Quando surgiam dúvidas, o próprio diz que “era nessa ocasião que se vasculham Dicionários e se queimam neles as pestanas. Deus sabe a vista que eu gastei na minha versão dos clássicos chineses” (1987, p. 17). Além dessa tenacidade académica, plasmada na própria profusão de notas informativas, a sua atitude para com a língua chinesa refletiu-se também na curiosidade pelos caracteres chineses na vida quotidiana (ou seja, o chinês vernacular). De acordo com Henrique Rios dos Santos, S.J., “[s]empre se interessara o Padre Guerra pelos caracteres que via nas inscrições dos templos ou monumentos. Mesmo cansado os copiava e procurava encontrar quem lhe pudesse dar o seu significado” (Santos, 2008, pp. 25–26).

Em relação à tradição cultural chinesa, o Padre Guerra manifesta o seu respeito ao reconhecê-la como parte de um património literário e cultural mais vasto: “Não há dúvidas [de] que a tradição chinesa não se pode pura e simplesmente descartar” (1980, p. 87). Segundo Bruxo, “[a] tradição é, para o Padre Joaquim Guerra, um conjunto de valores essenciais que deve ser tido em consideração por todas as sociedades humanas, como *conditio sine qua non* para a sua coesão e progressão” (Bruxo, 2004, p. 79). No prefácio da primeira edição da sua tradução portuguesa do *Shijing*, Guerra comenta o

⁹ Theo Hermans (1996), Urpo Kovala (1996) e Kathryn Batchelor (2018) aplicam o conceito de paratexto de Gérard Genette ao domínio da tradução. Embora esta aplicação ainda se encontre numa fase de desenvolvimento inicial no âmbito dos estudos de tradução (Pleijel & Carlström, 2022, p. 11), evidenciou já o seu potencial significativo. A relevância desses estudos é particularmente apoiada pela perspetiva de Tahir Gürçağlar, que sustenta que o paratexto pode fornecer informações valiosas sobre a tradução, destacando especialmente as notas ou os prefácios/posfácios de tradutor, ao considerá-los como indicadores cruciais que podem desafiar, revelar e complementar as questões de tradução subjacentes ao texto traduzido (Gürçağlar, 2011, p. 115).

valor cultural do *Shijing* nos seguintes termos: “Mais que obras de arte, as canções são instantâneas da vida individual, familiar, religiosa, social e política dos chineses, apanhados ao natural, formando, no conjunto, uma imagem impressionante de humanismo e civilização, capaz de inspirar e animar a qualquer povo irmão e a qualquer pessoa responsável” (1979, p. 17). Este respeito pela tradição literária chinesa traduz-se também no seu esforço de compreensão de conceitos essenciais e dos valores básicos da civilização chinesa, de que as notas são, aliás, prova, o que assegura simultaneamente o seu respeito pelo texto original na atividade de tradução com fins missionários.

De acordo com Menezes Jr. (2017), era prática dos missionários jesuítas na China dos séculos XVII e XVIII buscar elementos compatíveis entre o confucionismo e o cristianismo. O Padre Joaquim Guerra, no século XX, dá continuidade a esse gesto de aproximação. Consoante os elementos religiosos dispersos no *Shijing*, Guerra afirma que “a China tem o seu lugar no Reino [de] Deus e o sentido Providencial da sua origem e destino é revelado no Livro dos Cantares” (Guerra, 1979, p. 72). Entreveem-se aqui dois objetivos – transmitir a palavra de Deus e mostrar o grande valor da cultura e do povo chineses – a coexistir na sua atividade de tradução. Com vista a alcançar esses dois objetivos, Guerra terá redobrado esforços para estudar a literatura e a cultura chinesas, para se aproximar do povo chinês, enquanto, na sua prática missionária, procurava instruir a doutrina cristã. Esta atitude inquisitiva faz sobressair um tradutor-missionário que, ao mesmo tempo que serviu a cultura chinesa, ao divulgar o seu património literário, esteve também ao serviço da evangelização. Como Joaquim Guerra conclui: “[S]eria má pastoral missionária pretender que os Chineses, no caso concreto, precisam renunciar à boa Escola de Confúcio para se fazerem Cristãos. O que eles precisam é de avançar, nessa linha, para Cristo, que está mais à frente” (1979, p. 75).

4.2. Os conhecimentos do Padre Joaquim Guerra

Os conhecimentos culturais e linguísticos constituem uma mais-valia para a tradução literária e para o tradutor ser bem-sucedido no papel de mediador intercultural. Quanto mais rico for o conhecimento do tradutor das culturas do país-fonte e do país-alvo, mais informada será a escolha de estratégias de tradução adequadas à transmissão eficaz de significados culturalmente específicos e subentendidos.

Como constatado, o Padre Joaquim Guerra deixou-nos provas abundantes de muita dedicação ao estudo da cultura chinesa, evidenciada pela vastidão da sua obra bibliográfica, em particular pelos grossos volumes de dicionários de chinês-português que elaborou. Entre esses dicionários, destaca-se *O Dicionário Chinês-Português de Análise Semântica Universal* (1981) com 1120 páginas e 18 mil entradas (Menezes Jr., 2013, p. 57). Santos comenta que este dicionário, que “poderia parecer um normal dicionário de chinês-português, [...] [é], com mais exatidão, uma Chave Universal de Semântica” (Santos, 2008, p. 15).¹⁰ É com base no conhecimento sinológico que se lhe reconhece que

¹⁰ Além do dicionário escreveu ainda a obra *Semântica estrutural*, publicada em 1980.

o erudito é capaz de quebrar, em grande medida, as barreiras do “Ocidentalismo”,¹¹ tornando a tradução dos clássicos chineses uma forma de comunicação intercultural.

O testemunho de Monsenhor Manuel Teixeira, amigo de Joaquim Guerra e historiador de renome de Macau, é disso ilustrativo. O historiador, cujas obras contribuíram significativamente para o estudo de Macau, da Diocese de Macau, do catolicismo e da história de Portugal no Extremo Oriente, valoriza, numa carta para Guerra, o seu trabalho: “Com a rara competência que tem, continue a traduzir os Clássicos Chineses, como fez Legge, pois em português nada há sobre o assunto. Avalio o seu intenso esforço e aturado trabalho, e felicito-o vivamente por esta obra, que vai ficar Clássica na nossa literatura” (Guerra, 1990, pp. 20–21).

Em matéria de conhecimento da cultura chinesa, a seguinte nota de Guerra manifesta a sua sólida familiaridade com a história e geografia chinesas:

Cap.11º DSEÔN PHONG. Virações de Dseôn

O Estado de Dseôn constituiu-se no ano 769 a.C. quando o Imperador premiou os serviços do que seria Seãookoq, após a total destruição, pelos bárbaros Jong, da capital dos Tjó, que obrigou à transferência da mesma para Rawk´eb. O Príncipe foi então feito Conde e recebeu vastos territórios no Oeste. Foi este Estado semi-bárbaro que no séc.III veio a humilhar profundamente o Imperador Tjó e mesmo a destituí-lo, apoderando-se finalmente de toda a China. (Guerra, 1979, p. 1065)

O conhecimento de fundo sobre a história do Estado de Dseôn aqui ajuda os leitores a compreender os poemas deste capítulo. Vale a pena mencionar que a tradução do nome do Estado chinês é feita com base na transliteração fonética, que ilustra aos leitores portugueses a pronúncia dos caracteres chineses. Na versão portuguesa de *Shijing*, todos os poemas são apresentados primeiro, juntamente com a transliteração criada pelo próprio Guerra, carácter por carácter, como mostrado na imagem abaixo (Figura 1).

¹¹ Citamos a definição da Infopédia: refere-se um conjunto dos conhecimentos relativos às línguas, costumes, literatura e civilização dos povos ocidentais. <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ocidentalismo>>, consultado a 25 de janeiro 2023.

76 (1,7,2)

Tsheão Dyôw Tseh 將仲子

1. Tsheão Dyôw Tseh hej,	一、將仲子兮，
Mho yus ngau li	無踰我里，
Mho tjet ngau shuy khi	無折我樹杞，
Xhi koim aoy tje?	豈敢愛之，
Vey ngau bhoesmu	畏我父母，
Dyôw xhau whaej yah	仲可懷也，
Bhoesmu tje gnen	父母之言，
Yeg xhau vey yah.	亦可畏也。
2. Tsheão Dyôw Tseh hej	二、將仲子兮，
Mho yus ngau dseão	無踰我牆，
Mho tjet ngau zhuy sãu	無折我樹桑，
Xhi koim aoy tje?	豈敢愛之，
Vey ngau tjur xòq	畏我諸兄，
Dyôw xhau whaej yah	仲可懷也，

Figura 1. O chinês alfabético por Guerra (Guerra, 1979, p. 302).

Cabe ressaltar aqui que a transcrição fonética é do cantonês. Para o Padre Joaquim Guerra, “o cantonês constitui a raiz semântica da língua chinesa, permitindo-lhe, por conseguinte, uma base, que não exclui futuras adaptações e aportações de outros ‘dialetos’ onde se tenham conversado melhor as raízes primitivas” (Santos, 2008, p.16).

Com base na observação acima, averiguamos que o conhecimento exímio da língua e cultura chinesas permite ao Padre Guerra penetrar na leitura do texto-fonte e na decodificação de mais-valias semânticas contidas no diálogo entre a linguística e cultura chinesas.

4.3. A competência de tradução do Padre Joaquim Guerra

Para os tradutores literários, a competência de tradução intercultural residirá sobretudo na escolha de estratégias de tradução apropriadas consoante os objetivos a cumprir. Segundo Andrew Chesterman, as estratégias de tradução refletem abordagens (macroestruturais) generalizadas a um contexto específico, que se manifestam, por sua vez, em métodos de tradução mais específicos e detalhados (Chesterman, 2005, p. 26).

As duas principais estratégias de tradução que reúnem maior consenso são a domesticação e a estrangeirização. Por um lado, a estrangeirização (Schleiermacher, 2006; Venutti, 1995) visa preservar no texto-alvo as características linguísticas, literárias e culturais do texto original, para que o leitor possa apreciar a peculiaridade da cultura original e ter uma experiência dita mais autêntica. Métodos comuns nesta estratégia incluem a tradução literal e a transliteração (Xiong, 2014, p. 85). Por outro lado, a domesticação (Schleiermacher, 2006; Venuti, 1995) assenta na adaptabilidade do texto traduzido ao público recetor, utilizando elementos culturais e linguísticos familiares ao leitor do texto alvo. Esta abordagem facilita a compreensão e a aceitação do texto e geralmente emprega métodos como a tradução livre ou a paráfrase (Xiong, 2014, p. 85). As estratégias de tradução não são categorias rígidas ou exclusivamente antagónicas.

Antes, manifestam a inclinação do tradutor para se alinhar mais estreitamente com o texto-fonte ou para ajustar o conteúdo às expectativas do público do texto-alvo. Na prática, verifica-se que as traduções frequentemente incorporam elementos de ambas as estratégias, sem que uma predomine completamente sobre a outra. Estas escolhas de estratégias e métodos manifestam também de maneira específica a consciência crítica intercultural e o conhecimento bilingue e bicultural do tradutor. Assim, nesta secção, analisam-se excertos selecionados da tradução do *Livro dos Cantares* (1979) que refletem os diferentes métodos empregados pelo Padre Guerra, a saber: tradução literal, tradução literal com notas, transliteração e tradução livre.

4.3.1. Tradução literal

A tradução literal é considerada por Peter Newmark (1995, p. 70) como o procedimento básico de tradução. Andrew Chesterman (1997, p. 94) descreve-a como o resultado de uma tradução extremamente próxima da forma da língua-fonte, mas gramaticalmente correta. Na tradução literal (ver Exemplo 1), o texto é traduzido palavra por palavra. Com esta estratégia, desde que a literariedade se baseie na conformidade com os padrões da língua-alvo, podem-se preservar algumas particularidades da língua-fonte e alguns traços culturais identificadores no texto-alvo (Jorge, 2014, p. 252).

Quadro 1. Exemplo 1 (Guerra, 1979, p. 177).

		Título	Verso
Texto de Partida(TP)	標有梅		標有梅，其实七分。求我庶士，迨其吉兮。 標有梅，其实三分。求我庶士，迨其今兮。 標有梅，顷筐暨之。求我庶士，迨其谓之。
Texto de Chegada (TC)	CAEM AS AMEIXAS		As ameixas vão caindo: Já só fiam sete em dez. Para o jovem que me busca, Vai chegando a sua vez. As ameixas vão caindo: Já só restam trinta em cem. Para o jovem que me busca, É chegada a hora e bem. As ameixas vão caindo, Que eu apanho numa cesta. Para o jovem que me busca, De o dizer a hora é esta.

O primeiro verso de cada estrofe do poema (Exemplo 1) descreve uma imagem vívida: as ameixas que caem. O poeta usa as ameixas como uma metáfora para apresentar o desejo pela sua jovem amada. Através da descrição das ameixas que caem, exprime-se um lamento pela juventude da moça que está a passar. A tradução por Guerra acima citada transmite, de modo geral, o significado do poema. Guerra utilizou a estratégia de tradução literal para reproduzir esta imagem e a atividade mental da jovem. As traduções das palavras “標” (cair), “梅” (ameixa), “七分” (sete em dez), “三分” (trinta em cem), “顷筐” (cesta), “暨” (apanhar), “求” (buscar), “庶士” (jovem) manifestam correspondência de significado ao nível lexical. Pode ver-se também, no texto-alvo, uma manutenção do paralelismo estrutural patente no texto-fonte.

A seguir, apresenta-se uma tabela que exemplifica esta abordagem literal, destacando a tradução dos títulos das canções que frequentemente incorporam nomes de plantas, um elemento característico dos poemas do *Shijing*.

Quadro 2. Exemplo 2. TÍTULO. (Guerra, 1979)

Título Original	Tradução por Guerra
《桃夭》	“PESSEGUEIRO EM FLOR”
《標有梅》	“CAEM AS AMEIXAS”
《匏有苦叶》	“TEM FOLHA AMARGA A CABAÇA”
《木瓜》	“A PAPAIA”
《丘中有麻》	“CRESCER O LINHO NO CABEÇO”
《蒹葭》	“CANA ESGUIA”
《杕杜》	“AS AMOREIRAS DA VÁRZEA”
《隰桑》	“A SORVEIRA SOLITÁRIA”

Esses exemplos demonstram que Guerra procura uma correspondência direta para o significado dos termos, mantendo o contexto cultural e a integridade do texto original. Esta abordagem contribui para a suposta autenticidade da tradução e permite aos leitores de português uma visão mais próxima do texto original chinês.

4.3.2. Tradução literal com notas

É muito comum encontrar palavras ou expressões carregadas de informações culturais específicas de uma nação. Por vezes, os tradutores por vezes não lhes conseguem encontrar equivalências. Neste caso, a tradução literal com explicação adicional em nota torna-se uma opção eficaz, pois a tradução literal pode preservar a heterogeneidade do texto original e as notas podem desambiguar ou manter a mensagem implícita ou mais profunda do texto. Esta abordagem pode ser enquadrada no conceito de “tradução densa”, o qual foi definido pelo filósofo Kwame Anthony Appiah como “a tradução que, por meio de comentários ou notas de rodapé, se esforça por situar o texto traduzido num contexto linguístico e cultural robusto” (Appiah, 1993, p. 817). Esta solução, que revela tanto a erudição como o processo de investigação etnográfica do tradutor, é também a estratégia de tradução frequentemente utilizada por Guerra, a saber:

Quadro 3. Exemplo 3 (Guerra, 1979, p. 443).

	Título	Objetos a analisar (palavras)	Poema
TP	素冠	素冠 素衣 素鞵	庶见素冠兮，棘人栌栌兮，劳心悒悒兮。 庶见素衣兮，我心伤悲兮，聊与子同归兮。 庶见素鞵兮，我心蕴结兮，聊与子如一兮。
TC	O BARRETE BRANCO	barrete branco veste branca brancas joelheiras	Um barrete branco eu vejo? Um filho de luto, esquelético! Quando o vejo em veste branca, O meu peito se entristece; Eu com ele ia até casa! Traz as brancas joelheiras? A minha alma se confrange; E à pessoa fico unido.

Pode ver-se neste poema (Exemplo 3) a referência à tradição das vestes brancas do povo chinês antigo. De acordo com *Maoshi*,¹² os chineses antigos eram obrigados a usar roupas e chapéus brancos durante três anos em sinal de luto pelos seus pais falecidos. No mundo ocidental, o preto tende, pelo contrário, a simbolizar o luto, já o tradicional vestido de noiva é branco (símbolo de pureza). Sem uma explicação desta informação cultural, os leitores não poderão sentir a tristeza que o poeta original pretendia transmitir. Por esta razão, Guerra fez uma tradução literal e escreveu a seguinte nota: “A cor branca era de luto, como ainda hoje, na China. [...] A canção mostra, a meu ver, o sentimento de simpatia que desperta uma pessoa de luto” (Guerra, 1979, p. 1075 n.º 147). Através da nota, Guerra oferece contexto cultural, reforçando o seu papel como mediador cultural.

Quadro 4. Exemplo 4 (Guerra, 1979, p. 158).

	Título	Objetos a analisar (palavras)	Poema
TP	麟之趾	麟	麟之趾，振振公子，于嗟麟兮。 麟之定，振振公姓，于嗟麟兮。 麟之角，振振公族，于嗟麟兮。
TC	AS PATAS DO LICORNE	licorne	São as patas do licorne, Os muitos netos do Príncipe. Ai!o licorne, o licorne! São testeira do licorne, Os muitos netos do Príncipe. Ai! o licorne, o licorne! É o chifre do licorne, Toda a família do Príncipe. Ai!o licorne, o licorne!

O Exemplo 4 ilustra um poema de louvor ao príncipe. Utiliza-se neste poema uma criatura mítica “麟” (lín, na tradução de Guerra é licorne) como metáfora para indicar as virtudes do Príncipe. Neste caso, a palavra “麟” (lín), carregada de conotação cultural específica, não tem uma equivalência em língua e cultura portuguesa. Para não deixar os leitores perplexos sobre a figura do licorne como símbolo de virtude, Guerra fornece uma nota elucidativa: “O licorne ou unicórnio, [sic] era um animal fabuloso cuja aparição anunciava uma era nova de prosperidade. O licorne seria o Príncipe Mhenwão. Este

¹² Maoshi é atribuído a Mao Heng e Mao Chang, fundadores da escola de interpretação do *Shijing*, durante o início da dinastia Han, pertencente à escola de estudos clássicos.

passou as virtudes ao filho, que inaugurou, de facto, a era nova da dinastia Tjó (1122–221 a.C.).” (1979, p. 999). Deste modo, ao revelar esse reverenciado estatuto de “麟” no imaginário antigo do povo chinês, o Padre Joaquim Guerra leva os leitores a compreender o elogio veiculado neste poema, e reforçado através do refrão.

4.3.3. Transliteração

Quadro 5. Exemplo 5 (Guerra, 1979, p. 351).

	Título	Objetos a analisar(verso)	Poema
TP	卢令	卢令令	卢令令，其人美且仁。 卢重环，其人美且髻。 卢重钩，其人美且偲。 Cão de caça faz lim! lim! Seu dono é belo e bem feito.
TC	OS GUIZOS DO CÃO DE CAÇA	Cão de caça faz lim! lim!	Tem o cão duas argolas; Belas suíças tem o dono. Leva o cão dupla coleira; Linda barba leva o dono.

Além do exemplo dado na seção 4.2, aqui (Exemplo 4), no verso “令令”, estes caracteres significam o som de uma coleira debaixo do pescoço de um cão de caça. Joaquim Guerra traduziu “令令” como “lim lim”, ou seja, criou uma nova onomatopeia em língua portuguesa, através da transliteração dos caracteres chineses, como correspondência para esta palavra. O uso retórico da onomatopeia melhora a qualidade, tornando a descrição do verso mais vívida e trazendo aos leitores a musicalidade do episódio.

4.3.4. Tradução livre

Na tradução livre, ou segundo o sentido, que normalmente se entende em oposição à tradução literal, dá-se mais atenção à manutenção de significados em detrimento da forma. Para Li Changshuan, defensor da precisão textual, o tradutor pode usar as suas próprias palavras (a paráfrase) para expressar sentidos quando a tradução literal não consegue produzir bem o significado do texto original (Li, 2014, p. 17). Nas palavras de Zhang Peiji (2014), a tradução livre permite também a produção criativa do texto-alvo. Aqui, enfatizamos que a tradução livre reside na liberdade do tradutor para manter a essência semântica do texto original, sem estar rigidamente circunscrito às palavras usadas no texto-fonte.

Quadro 6. Exemplo 6 (Guerra, 1979, p. 315).

	Título	Objetos a analisar(Verso)	Poema
TP	有女同车	佩玉将将 彼美孟姜，德音不忘。	有女同车，颜如舜华。将翱将翔，佩玉琼琚。彼美孟姜，洵美且都。 有女同行，颜如舜英。将翱将翔，佩玉将将。彼美孟姜，德音不忘。

			Uma senhora no carro, Tem ares de flor-efémera, Agitando a um lado e outro. As belas jóias do cinto. Essa distinta matrona. É mesmo bela e brilhante.
TC	LEVA UMA SENHORA NO CARRO	As suas jóias cintilam. Dessa distinta matrona/ A boa fama não morre	A senhora a andar com ele, Tem ares da flor da malva. À maneira que se move, As suas jóias cintilam. Dessa distinta matrona. A boa fama não morre.

O Exemplo 6 ilustra um poema que canta o amor entre jovens nobres. Assumindo uma perspectiva masculina, o poeta louva a beleza da mulher e a sua bondade. O verso “佩玉将将” é a onomatopeia que descreve o som produzido pelo bater das pedras. No entanto, na tradução de Joaquim Guerra, não se encontra uma onomatopeia que lhe seja equivalente, ao contrário do que se verifica no Exemplo 4. Guerra optou por enfraquecer a presença das onomatopeias neste ponto da sua tradução, prosseguindo na reprodução dos sentidos semânticos das onomatopeias. Tal solução é aceitável, pois a tradução livre de Guerra manifesta também aos leitores a mesma imagem do verso original, sem que este perca a sua concisão. O verso “彼美孟姜，德音不忘。” significa que a reputação da bela mulher é inesquecível. Joaquim Guerra não traduziu a palavra “不忘” (literalmente, não se esquecer), mas substituiu-a pela expressão “não morrer”. Esta tradução livre enfatiza a ideia original.

Quadro 7. Exemplo 7 (Guerra, 1979, p. 768).

	Título	Poema
TP	殷其雷	殷其雷，在南山之阳。何斯违斯，莫敢或遑？振振君子， 归哉归哉！ 殷其雷，在南山之侧。何斯违斯，莫敢遑息？振振君子， 归哉归哉！ 殷其雷，在南山之下。何斯违斯，莫或遑处？振振君子， 归哉归哉！
TC	O RIBOMBAR DA TROVOADA	Estrondeia a trovoadas, Nas faldas da serra ao sul. “Porque agora te ausentaste, Sem tomar algum repouso? (P’ra tornar diz ao marido): Ai! Volta pra casa, volta!” Estrondeia a trovoadas, Nas ilhargas do Naemsean. “Porque havia de ir agora, Sem gozar de algum descanso? (Que volte diz ao marido): Ai! Volta pra casa, volta!” Estrondeia a trovoadas, Sobre as faldas do Naemsean. “Porque havias de ir-te embora, Sem tomar algum repouso?(Que volte diz ao marido): Ai! Volta pra casa, volta!”

O poema do Exemplo 7 fala sobre uma mulher que espera o regresso do seu marido, que partiu numa longa viagem. Tematiza-se a saudade que as esposas sentem pelo período indeterminado em que os maridos estão ausentes ao serviço do rei. Este poema utiliza o refrão para expressar e sublinhar a solidão da mulher, o mais cruel de todos os sentimentos. É um sentimento que parece perpassar o poema, por meio de uma forma mais direta: as três perguntas da mulher. Como se mostra na tradução, o tradutor acrescentou aspas a alguns versos traduzidos e adicionou indicações entre parênteses, numa tentativa de “recriar” o monólogo da mulher para que o leitor consiga compreender melhor o conteúdo de poema. Tal prática faz com que a tradução do poema se aproxime de uma peça de teatro, facilitando a imaginação do leitor. Eis, assim, uma prática criativa na tradução do poema chinês antigo, pois o poema chinês clássico exige um formato textual rigoroso, no qual nunca se inserem didascálias em parênteses. Neste sentido, a tradução de Guerra pode ser considerada como libertadora da energia do *Shijing* na língua e cultura portuguesas. O estudioso Zhang Weiming é de opinião que a tradução das três perguntas corresponderia à adoção como modelo intertextual para a tradução das cantigas de amigo da lírica medieval galaico-portuguesa, sobretudo através do discurso direto da esposa com a interjeição e a repetição do pedido de regresso a casa: “Ai! Volta pra casa, volta!”. (Zhang, 2000, p. 36). Neste sentido, o Padre Guerra empregou a estratégia de domesticação através da procura, na tradição literária portuguesa, de uma forma equivalente ao poema chinês.

Nos exemplos de tradução acima referidos, constatamos que, ao lidar com os elementos culturais exclusivos da cultura chinesa, Joaquim Guerra adotou múltiplas estratégias e métodos de tradução para aproximar os leitores da cultura da China Antiga. O processo tradutório do Padre Guerra revela a sua competência intercultural, refletindo também a sua atitude inquisitiva e erudição.

5. Notas conclusivas

São os múltiplos e complexos elementos de diferentes contextos socio-históricos que produzem traduções distintas, alargando os nossos horizontes linguísticos e culturais para compreender textos que de outra forma nos seriam inacessíveis, como observamos na tradução de Guerra. Acreditamos, portanto, que, além dos texto-fonte e texto-alvo, os materiais paratextuais que documentam a vida pessoal e académica e o pensamento do tradutor (prefácios, introduções, notas de rodapé) podem ajudar-nos a estudar o tradutor e as suas tomadas de decisão em tradução.

O presente artigo toma como base teórica a micro-história de tradutores e da tradução e o modelo intercultural de Byram, analisando a identidade cultural do Padre Joaquim Guerra conforme refletida na sua atividade de tradução. No decorrer deste trabalho, reconhecemos que, do ponto de vista da atitude, o Padre Joaquim Guerra abraçou com grande interesse a tradução dos Clássicos Chineses. Pode-se compreender que, por um lado, isto está relacionado com a identidade de Guerra como missionário. A motivação para a tradução das obras clássicas chinesas teria residido em descobrir pontos comuns entre a cultura religiosa cristã e o confucionismo a fim de facilitar o seu serviço missionário na China. Por outro lado, ele manifesta curiosidade pela língua e pela cultura chinesas. É com essa forte motivação e tenacidade que consegue completar esta tarefa árdua. O Padre Guerra possui um conhecimento profundo da língua chinesa, dominando bem o cantonês e o mandarim, tanto que compilou vários dicionários de chinês-português. Este conhecimento bicultural, assegurou-lhe a competência necessária para funcionar como ponte eficaz entre as culturas chinesa e portuguesa. A partir dos exemplos de tradução acima referidos, constatamos que o Padre Guerra recorre a diferentes estratégias de tradução para transmitir a beleza do *Shijing*. O tradutor utiliza a estratégia de estrangeirização, através de métodos tais como a tradução literal e a transliteração, para tentar preservar o encanto da cultura e língua chinesas. Recorre também à domesticação, ou, mais especificamente nos casos apresentados, à tradução livre, quando procura formas na tradição lírica portuguesa equivalentes à lírica chinesa.

Independentemente da estratégia de tradução adotada, os esforços de Guerra (atitude, conhecimento e competência tradutiva) fazem valer a visão de Byram sobre a necessidade de os tradutores, enquanto comunicadores interculturais que se esperam ser eficazes, desenvolverem sensibilidade intercultural.

Agradecimentos: Reconhece-se a orientação de Marta Pacheco Pinto, cujo apoio foi essencial para a execução deste trabalho. Agradece-se também a Maria da Graça Gomes Fernandes por oferecer a unidade curricular de Estudos Interculturais, que se mostrou fundamental para o desenvolvimento deste trabalho durante o curso do doutoramento em Português, na Universidade Politécnica de Macau.

Referências

- Adamo, S. (2006). Microhistory of translation. In G. L. Bastin & P. F. Bandia (Eds.), *Charting the future of translation history* (pp. 81–100). University of Ottawa Press.
- Appiah, K. (1993). Thick translation. *Callaloo*, 16(4), 808–819. <https://doi.org/10.2307/2932211>
- Atefmehr, Z., & Farahzad, F. (2022). Microhistorical research in translator studies: An archival methodology. *The tTranslator*, 28(3), 251–262. <https://doi.org/10.1080/13556509.2021.1944022>
- Batchelor, K. (2018). *Translation and paratexts* (1st ed.). Routledge.
- Bruxo, J. B. (2004). *Padre Joaquim Guerra: uma biografia intelectual* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Macau, Macau].
- Byram, M., Gribkova, B., & Starkey, H. (2002). *Developing the intercultural dimension in language teaching: A practical introduction for teachers*. Council of Europe.
- Chen, Z. (2008). *诗经导读 [Introdução ao Shijing]*. China International Broadcasting Press.
- Chesterman, A. (1997). *Memes of translation: The spread of ideas in translation theory*. John Benjamins Publishing Company.
- Chesterman, A. (2005). Problems with strategies. In K. Károly & A. Fóris (Eds.), *New trends in translation studies: In honor of Kinga Klaude* (pp. 17–28). Akadémiai Kiadó.
- Franchetti, P. (1996). *Haikai*. Editora da UNICAMP.
- Genette, G. (1997). *Paratexts: Thresholds of interpretation* (J. E. Lewin, Trans.). Cambridge University Press.
- Gomez, H. (2017). A closer look into the life of ordinary translators through unordinary sources: The use of obituaries as a microhistory tool to study translators and translation in Ohio. *New Voices in Translation Studies*, 16, 55–83.
- Guerra, J. A. de J. (1979). *O livro dos cantares*. Jesuítas Portugueses.
- Guerra, J. A. de J. (1980). *Escrituras selectas*. Jesuítas Portugueses.
- Guerra, J. A. de J. (1981). *Dicionário chinês-português de análise semântica universal*. Jesuítas Portugueses.
- Guerra, J. A. de J. (1987). *Prática da perfeição: Daow-Te Keq*. Jesuítas Portugueses.
- Guerra, J. A. de J. (1990). *O livro dos cantares (edição revista)*. Instituto Cultural de Macau, Aidan Publicities & Printing.
- Gürçağlar, Ş. T. (2011). Paratexts. In Y. Gambier & L. van Doorslaer (Eds.), *Handbook of translation studies online* (pp. 113–117). John Benjamins Publishing Company.
- Hall, S. (1990). Cultural identity and diaspora. In J. Rutherford (Ed.), *Identity: Community, culture, difference* (pp. 222–237). Lawrence & Wishart.
- Hermans, T. (1996). The translator's voice in translated narrative. *Target*, 8(1), 23–48.
- Hymes, D. (1972). On communicative competence. In J. Pride & J. Holmes (Eds.), *Sociolinguistics. Selected Readings* (pp. 269–293). Penguin Books.
- Jorge, G. (2014). *Da criatividade linguística à tradução uma abordagem das unidades polilêxicais em Mia Couto* [Tese de Doutorado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa].
- Kaindl, K., Kolb, W., & Schlager, D. (Eds.). (2021). *Literary translator studies*. John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/btl.156>
- Kovala, U. (1996). Translations, paratextual mediation, and ideological closure. *Target*, 8(1), 119–147. <https://doi.org/10.1075/target.8.1.07kov>
- Levi, G. (1991). On microhistory. In P. Burke (Ed.), *New perspectives on historical writing* (pp. 93–113). Polity Press.
- Li, C. S., & Chen, D. Z. (2014). *联合国文件翻译教程 [Manual de tradução de documentos das Nações Unidas]*. China Translation & Publishing House.
- Menezes Jr., A. J. B. de. (2013). *Joaquim Guerra S. J. (1908–1993): releitura universalizante dos clássicos chineses* [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo].
- Menezes Jr., A. J. B. de. (2017). Joaquim Guerra e os clássicos chineses: o livro dos cantares. In D. C. Pereira, M. M. Hawi & A. J. Bezerra de Menezes Júnior (Orgs.), *Estudos da Ásia, artes, tradução e identidades culturais* (Vol. 1, pp. 204–222). FFLCH/USP. <https://doi.org/10.11606/9788575062890>

- Munday, J. (2013). The role of archival and manuscript research in the investigation of translator decision-making. *Target*, 25(1), 125–139. <https://doi.org/10.1075/target.25.1.10mun>
- Munday, J. (2014). Using primary sources to produce a microhistory of translation and translators: theoretical and methodological concerns. *Translator: Studies in Intercultural Communication*, 20(1), 64–80. <https://doi.org/10.1080/13556509.2014.899094>
- Newmark, P. (1995). *A textbook of translation*. Phoenix ELT.
- Owen, S. (1996). Preface. In A. Waley, *The book of songs* (pp. 7–25). Grove Press.
- Paloposki, O. (2017). In search of an ordinary translator: Translator histories, working practices, and translator–publisher relations in the light of archival documents. *The Translator*, 23(1), 31–48.
- Pym, A. (1998). *Method in translation history*. St Jerome Publishing.
- Santos, H. R. dos. (2008). *Um globetrotter ao serviço de Deus e da China*. Instituto Internacional de Macau.
- Schleiermacher, F. (2006). On the different methods of translation. In D. Robinson (Ed.), *Western translation theory: From Herodotus to Nietzsche* (pp. 225–238). Foreign Language Teaching and Research Press.
- Toury, G. (1995). *Descriptive translation studies – And beyond*. John Benjamins.
- Venuti, L. (1995). *The translator's invisibility*. Routledge.
- Venuti, L. (1998). *The scandals of translation: Towards an ethics of differences*. Routledge.
- Xiong, B. (2014). 翻译研究中的概念混淆——以“翻译策略”，“翻译方法”和“翻译技巧”为例 [Confusão conceitual em estudos de tradução: Exemplos de “estratégias de tradução”, “métodos de tradução” e “técnicas de tradução”] *中国翻译*[Estudos de Tradução na China], (3), 82–88.
- Zhang, M. (2021). Writing the microhistory of translation: Theories and methods. *Foreign Languages and Their Teaching*, (5), 129–137. <https://doi.org/10.13458/j.cnki.flatt.004811>
- Zhang, P. (2014). *A course in english-chinese translation*. Shanghai Foreign Language Education Press.
- Zhang, W. (2000~~2012~~). *Shijing-cancioneiro chinês. Visto numa perspectiva ocidental*. Tradução e comentários pelos alunos do curso de Chinês I. Edições Colibri.

[recebido em 20 de novembro de 2023 e aceite para publicação em 15 de dezembro de 2024]